

## **O ENGAJAMENTO LITERÁRIO EM A VIDA DE UM RIO MORTO, DE CARLOS NEJAR**

*Ivone da Silva Rebello* (SEE-RJ)

[ivonerebello@yahoo.com.br](mailto:ivonerebello@yahoo.com.br)

*Eliana da Cunha Lopes* (FGS)

[elianalatim@yahoo.com.br](mailto:elianalatim@yahoo.com.br)

Este trabalho analisa a obra poética *A Vida de um Rio Morto: Monumento ao Rio Doce*, de Carlos Nejar, sob a perspectiva da literatura engajada, tomando o conceito de engajamento literário na visão de Jean-Paul Sartre: "...o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras..." (2004, p. 29), e de Benoît Denis: "o escritor engajado deseja fazer aparecer o seu engajamento na literatura mesmo; ...deseja fazer de modo que a literatura... seja parte integrante do debate sociopolítico" (2002, p. 22). Nejar exalta o Rio Doce de seu período áureo até sua morte, ao ser coberto pela lama. O poeta dialoga com o rio e faz uma reflexão sociopolítica do caos que envolveu os ribeirinhos. Observamos que o poeta percebe que o poema pode se transformar num instrumento de denúncia social, levando o leitor a refletir e pensar sobre os problemas que envolvem a sociedade. Há um compromisso dele com o leitor e a sociedade "Rio, não morri mais/ Que os ribeirinhos nas casas". Segundo Sartre, engajado na mesma aventura que seus leitores e situado numa coletividade sem divisões, ao falar deles, falaria de si mesmo e, ao falar de si mesmo, falaria deles (2004, p. 118). Assim, falar de uma literatura engajada é evocar uma escrita com teor social, é travar um duelo entre a estética e o realismo sócio-político. Sobre sua estética literária, o poeta afirma: "[...] Somos ligados à realidade que em nos explode e ao mesmo tempo em que nos define. [...] O engajamento verdadeiro e mais forte não é com ideologias que vão e vêm. É com a vida que permanece" (2001). O engajamento pressupõe uma reflexão com a sociedade em geral.